

A Geografia da Escalada em Minas Gerais

The Geography of Climbing in Minas Gerais

Diego Contaldo de Lara

Mestrando em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, PUC-Minas
diego.contaldo@gmail.com

Altino Barbosa Caldeira, PhD.

Professor Adjunto IV da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas
altinocaldeira@gmail.com

Resumo

Nossa pesquisa surgiu com objetivo de realizar o inventário e mapeamento da *Escalada* em Minas Gerais. Essa atividade é uma prática mundial, antiga, mas que historicamente é recente em nosso estado. Para realização desta pesquisa, partimos do estudo de dados gerados pela Federação de Montanhismo e Escalada de Minas Gerais (FEMEMG) e de registros realizados por escaladores, clubes e entidades civis de escalada e montanhismo. Tais registros possuem grande valor geográfico. Porém, essas informações disponíveis não apresentam aprofundamento de análise que representem sínteses sobre o desenvolvimento e fluxo da atividade. Por meio das técnicas de geoprocessamento, trabalhos de campo, entrevistas, tratamento e espacialização dos dados disponíveis e outros que estão sendo coletados, pretendemos realizar a Geografia da Escalada em Minas Gerais.

Palavras-chave: Geografia. Escalada. Minas Gerais.

Abstract

Our research came with the purpose of carrying out the inventory, mapping and special analysis of the Climbing in Minas Gerais. This activity is a world practice, old but historically recent in our state. To carry out this research, we started with the study of data generated by the Federation of Mountaineering and Climbing of Minas Gerais (FEMEMG) and of records made by climbers, clubs and civil organizations of climbing and mountaineering. Such records have great geographical value. However, this available information does not present deep analysis that represents syntheses about the development and flow of the activity. Through the techniques of geoprocessing, fieldwork, interviews, treatment and spatialization of available data and from some others that are being collected, we intend to carry out the Geography of Climbing in Minas Gerais.

Keywords: Geography. Climbing. Minas Gerais

1. INTRODUÇÃO

O contato do ser humano com as montanhas remonta aos tempos primitivos. Ao subir as montanhas nossa espécie enxergou mais longe. Essas ascensões contribuíram diretamente para que se pudesse ampliar o horizonte geográfico. A relação do ser humano com as montanhas agregou muito valor às condições de sua sobrevivência. Essa relação constituiu material geográfico diretamente relacionado ao desenvolvimento da Geografia. Nougier (1966), afirma que a origem da

Geografia se confunde com a própria origem do homem. Podemos dizer o mesmo da Escalada.

São diversos conceitos encontrados acerca da Escalada na literatura mundial. Na famosa obra de Krakauer (2006), *No ar rarefeito*, são expostas definições de diversos escaladores, manifestadas a partir de suas sensações ao passarem por experiências que os colocaram à prova. Nem sempre a Escalada foi o esporte que se constitui nos dias de hoje. Para que ela se tornasse um esporte praticado por atletas de alto rendimento, tal como será incorporado nas próximas competições olímpicas¹, esta atividade percorreu um longo caminho, marcado por inúmeras manifestações e feitos históricos. Do simples ato de caminhar pelas montanhas ao desenvolvimento de materiais e equipamentos de alta tecnologia, o ser humano pôde alcançar as maiores altitudes do planeta, com o suporte do desenvolvimento técnico para que esses feitos fossem possíveis. Independente das definições conceituais, dos limites e relações entre montanhismo e escalada, o fato é que essa prática ocorre em inúmeros países, principalmente no continente europeu. Arriscamos dizer que existe uma cultura de escalada, que constitui uma comunidade global, com seus hábitos e sua própria linguagem.

A escolha do tema desta pesquisa surgiu pela observação de alguns axiomas, percebidos na vivência do ambiente da prática da Escalada em alguns sítios nas regiões de Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Caeté, dentre outros municípios em Minas Gerais. Desde 2010, ano em que começamos a nos envolver com o tema, pudemos vivenciar boa parcela desse *mundo à parte* que é a Escalada. Trata-se de um grupo unificado porém, completamente heterogêneo. Como expõe Antônio Paulo Faria² (2006) em seu livro *Montanhismo Brasileiro*:

No universo dos escaladores e montanhistas existem pessoas de todas as idades, classes sociais e profissões. Podemos encontrar empresários milionários, microempresários, cientistas, professores de todos os níveis, profissionais liberais, artistas, músicos, escritores, ecologistas, militares [...]. Mas não importa, na montanha todos se entendem e se nivelam em função do nível que escalam. Quer ambiente mais sociável e democrático? (FARIA, 2006, p. 9).

O projeto de pesquisa *A Geografia da Escalada em Minas Gerais*, em atual execução, nasceu, portanto, da curiosidade, da vontade e da necessidade de se inventariar e sistematizar informações a respeito desta atividade. Um dos principais registros realizados em nosso Estado é a obra “Escaladas de Minas: o guia e a história das áreas de escalada de Minas Gerais” (MARIANO; MELO JÚNIOR, 2002)³, que apresenta os sítios existentes até o ano de 2002. A Federação de

¹ Quando nosso projeto foi elaborado a escalada ainda não havia sido incluída nos jogos olímpicos, mas apontamos essa possibilidade. A aprovação da participação da escalada nas próximas Olimpíadas ocorreu em agosto de 2016, conforme veiculado em diversas mídias e redes sociais.

² Professor e Pesquisador (D.Sc) do Instituto de Geociências da UFRJ desde 1996. Grande parte de seu trabalho é dedicado aos ambientes de montanha.

³ Esse material foi publicado de forma independente em seis volumes e é um registro notável, de alto caráter geográfico ao apresentar croquis e sistematização de todos os sítios de escalada em Minas Gerais de que se tinha notícia neste período. Além disso, apresentam outras informações geográficas acerca dos locais desses sítios.

Montanhismo e Escalada de Minas Gerais (FEMEMG) possui um instrumento digital, a “Croquiteca Online” que fornece, por meio do *googlemaps*, pontos marcados⁴ de sítios de escalada. A informação é compartilhada pelo escalador ou grupos e entidades representativas da categoria, gerando um banco de informações. Entendemos que tais registros e instrumentos, sem análise e tratamento espacial, deixam de nos revelar importantes informações. Que tipo de informações e análises espaciais poderíamos apresentar ao realizarmos o estudo e espacialização dos dados existentes nesses registros? É possível que consigamos compreender onde e como a escalada se desenvolveu em Minas Gerais? Dessas questões surgem um vasto campo a ser pesquisado. Dúvidas quantitativas, dúvidas históricas e socioculturais que, se respondidas, podem constituir uma síntese geográfica sobre a Escalada. Ao trazer esse tema para o campo científico, objetivamos a formulação de bases para que se constitua um *Atlas da Escalada em Minas Gerais*.

No processo de desenvolvimento da escalada mineira merece destaque o caso do Parque Estadual do Sumidouro⁵ - PESU (Figura 1), único em Minas Gerais que possui a escalada regulamentada, inclusive, com documento jurídico⁶ elaborado, especificamente, para esta finalidade. Após nove anos de proibição, a prática da escalada no PESU foi reaberta em 2011. Essa decisão é considerada um marco para a comunidade escaladora. O documentário “E as vias na Lapinha?”⁷ constitui outro importante registro acerca da escalada mineira. Foi realizado antes da legalização da escalada no PESU e apresenta um panorama histórico do desenvolvimento da escalada na região metropolitana de Belo Horizonte. A partir de uma perspectiva empírica observamos que alguns sítios de escalada possuíam certa organização, enquanto outros estavam proibidos, como por exemplo, a Gruta do Rei do Mato, em Sete Lagoas. Detectamos, também, alguns sítios sem informação em relação à sua proibição ou liberação, como no caso da chamada Pedra Vermelha, na região de Barão de Cocais.

⁴ Os pontos não apresentam as coordenadas geográficas, por isso consideramos que não são *georeferenciados*.

⁵ Parque Estadual criado pelo Decreto 20.375, de 03 de janeiro de 1980. Possui uma área de aproximadamente 2.004 hectares e situa-se ao norte da região metropolitana de Belo Horizonte, abrangendo os municípios de Lagoa Santa e Pedro Leopoldo.

⁶ Portaria IEF nº 138, de 03 de agosto de 2011.

⁷ Produção independente. Esse material audiovisual foi produzido em 2009 com o objetivo de contribuir para a reabertura do sítio de escalada do PESU, momento em que ocorria negociações entre a Associação Mineira de Escalada (AME) e o Instituto Estadual de Florestas (IEF).

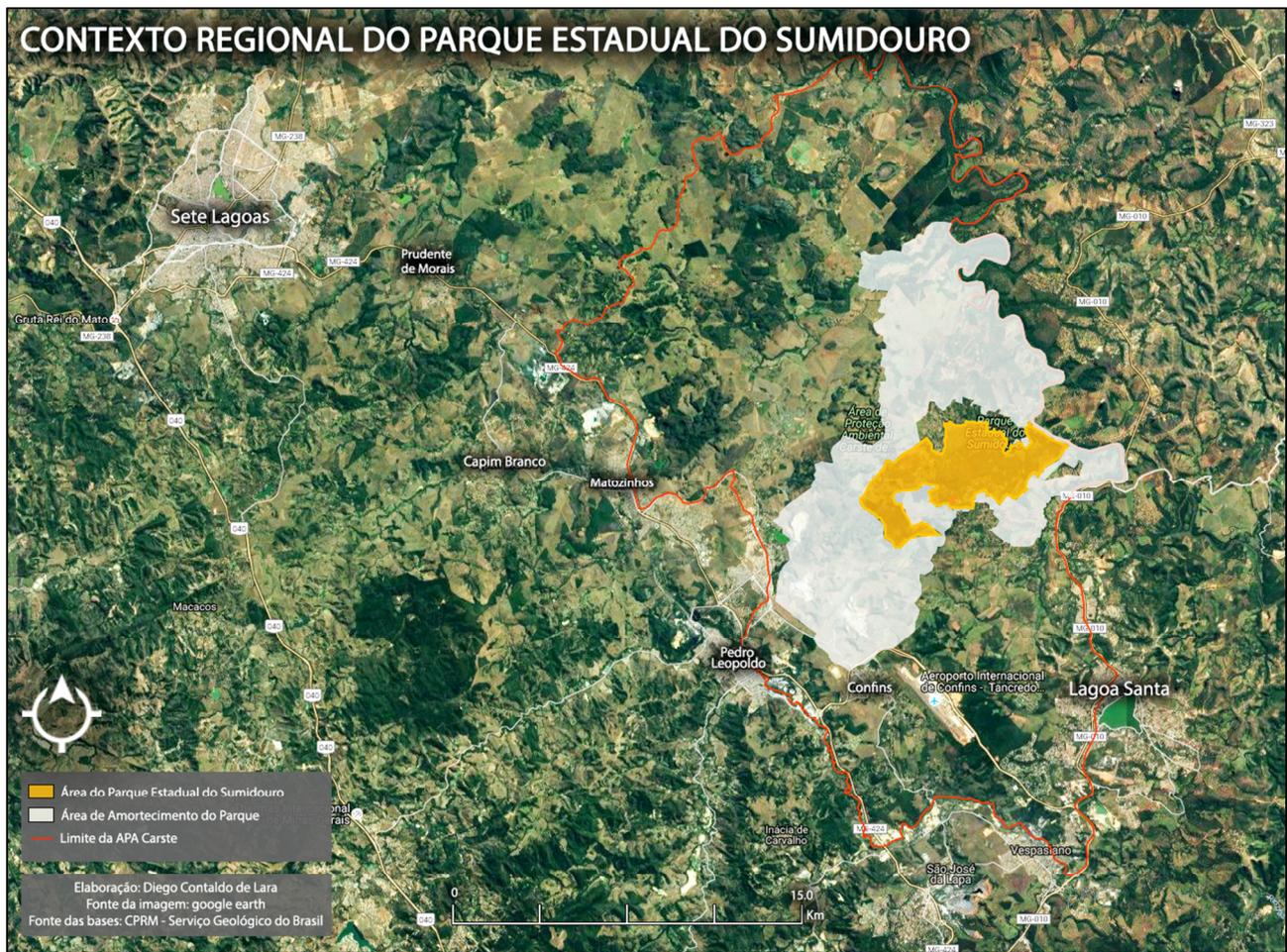


Figura 1 – Imagem: Contexto Regional do Parque Estadual do Sumidouro.
Fonte: Imagem Google Earth. Bases do CPRM. Elaboração: Diego Contaldo de Lara.

Os sítios de escalada podem estar em áreas públicas, sejam estas municipais, estaduais, federais ou em áreas particulares como fazendas e propriedades rurais. Essa desorganização nos chamou a atenção e suscitou a seguinte questão: por que um lugar como o PESU podia conviver mais harmonicamente com esta atividade e outras áreas não? A partir daí começamos a estudar como era a organização desta atividade, que tipos de normas, critérios ou leis existiam a respeito do tema e nos deparamos com uma vasta área de pesquisa.

O PESU é um dos poucos sítios que detém um banco de dados em relação à frequência, ainda que de forma incipiente⁸. O tratamento dessas informações, em atual processo de estudo, poderá nos fornecer importantes análises sobre os fluxos, perfis, frequência de escaladores e outras categorias que averiguaremos. Esse trabalho está nos conduzindo à elaboração de instrumentos de categorização, quantificação e sistematização dos dados existentes. O tratamento de tais informações permitirá às entidades civis da categoria e aos órgãos públicos planejar ações necessárias para que o desenvolvimento da escalada em Minas Gerais siga os padrões da prática

⁸ Pela vivência na prática da escalada sabemos como funciona o processo de controle de público no PESU. Sabemos que o escalador preenche seus dados numa planilha de controle. Essa planilha fica arquivada e os dados não passam por um processo de inventário e tratamento. As planilhas ficam arquivadas na sede do Parque.

com mínimo impacto, conforme recomendados pela FEMEMG e pela International Climbing and Mountaineering Federation (UIAA)⁹.

A história de proibição da escalada no PESU não é um caso especial. Existem diversos outros casos de restrição a sítios de escalada em diversos países. O trabalho realizado pela comunidade *Access PanAm*¹⁰ ilustra tal fato, visto que seu objetivo é justamente lidar com estas dificuldades em relação aos sítios de escalada. Conforme expõe Abreu (2014),

Nos últimos 20 anos, o número de praticantes aumentou atingindo mais de cinco milhões de escaladores ao redor do mundo no ano de 2006 (KUBIAK et al., 2006). Prova da crescente popularidade desta desafiante modalidade esportiva é o aumento de 40 para mais de 254 academias de escalada entre os anos de 1988 e 2003 no Reino Unido (GILES et al., 2006). Este aumento do número de praticantes da escalada esportiva, pode ser explicado por diversos motivos: o desenvolvimento de técnicas, equipamentos de segurança mais eficientes e confortáveis, a facilidade de acesso aos locais de prática e a busca por diferentes formas de exercitar-se (DANION, 2008; DONATH et al., 2013; KUBIAK et al., 2006; SHEEL, 2004; WARME; BROOKS, 2000; WATTS, 2004). (ABREU, p.13, 2014)

É muito provável que com esse aumento do número de escaladores nos últimos anos, os ambientes naturais onde se pratica a atividade estejam sofrendo maior pressão, resultando em aumento de impactos ambientais. Já existem estudos sobre esse tema em universidades como a *Colorado State University*, nos Estados Unidos e *University of Basel*, na Suíça. No momento não nos aprofundaremos nesta questão. Nossa pesquisa se foca no inventário geográfico, no desenvolvimento histórico e cultural e na elaboração de instrumentos que possam fornecer dados necessários à compreensão do atual quadro de organização da escalada em Minas Gerais.

Nosso objetivo é a busca pelo conhecimento de onde e como a escalada se desenvolveu em Minas Gerais, para que seja possível representá-la espacialmente. Nosso objeto de análise se apresenta difuso em Minas Gerais. Para resolvermos nossas questões de pesquisa, nos inspiramos em abordagens metodológicas orientadas pela geografia clássica. Seguimos os *princípios norteadores*¹¹ da geografia tradicional, resumidos por Amorim Filho [2016]. Buscamos, no *fenômeno Escalada*, a manifestação desses princípios, considerados essenciais para se faça Geografia. (AMORIM FILHO, [2016]). Inspiramo-nos, também, em referências na antiguidade, como por exemplo, Estrabão (64 a.C. – 24 d.C.), um dos primeiros a realizar as sínteses geográficas. Essas diversas abordagens e escolas geográficas, com orientações e reflexões próprias,

⁹ Essa é a entidade de maior respaldo da comunidade escaladora mundial, sendo a responsável por tornar a escalada um esporte olímpico. A UIAA tem por missão “promover o crescimento e proteção do montanhismo, a escalada mundial, o avanço das práticas de montanha de forma ética e segura, assim como promover o acesso responsável, proteger a cultura e o meio ambiente.” (INTERNATIONAL CLIMBING AND MOUNTAINEERING FEDERATION, 2016, tradução nossa).

¹⁰ “Access Pan América es organizacion enfocada a mantener áreas de escalada abiertas y proteger los entornos de escaladas en las Americas”. Citação retirada do perfil do *facebook* desta comunidade.

¹¹ O texto de Amorim Filho [2016] apresenta os princípios norteadores da Geografia. São eles: Princípio da Causalidade, da Localização ou Posição, Unidade Terrestre, Extensão, Geografia Geral, Atividade, Diferenciação de Áreas ou Regional e Conexão.

buscaram realizar sínteses geográficas. Os objetivos de seus representantes, em primeiro lugar, não era buscar a localização e realizar o inventário dos fenômenos objetos de suas observações? As primeiras perguntas kantianas, “O que posso saber?” e “Como posso saber?”, não ilustram as questões iniciais que compõe a base da ciência moderna? (REALE; ANTISERI, 2005. SEVERINO, 2002.) Tais questões nos acompanham em todo o desenvolvimento da pesquisa e reforçam a primazia pelo rigor. Nosso estudo não pode prescindir dessas perguntas iniciais e dos princípios clássicos da Geografia para sua compreensão. Os dados a serem espacializados existem dispersos, ainda não organizados. Necessitam revisão, análise e reflexão, para que se possa dizer algo acerca da Escalada em Minas Gerais. Outros dados necessitam ser coletados. No campo científico ainda há muito a se explorar sobre esse tema. Diante de nós apresenta-se um enorme desafio e uma vasta *região* a ser estudada.

Acreditamos que seja possível compreender grande parte desta história e reunir bases para a formulação de uma *Geografia da Escalada Mineira*. Nesse sentido nosso estudo pretende ser a base para que novos processos da escalada mineira possam ser registrados e para que outros estudos científicos possam ser desenvolvidos.

2. DESENVOLVIMENTO

A escalada é um fenômeno, uma manifestação cultural, antes mesmo de qualquer definição que se faça nos dias atuais. Nasce junto com o ser humano, inicialmente de natureza utilitarista.

Uma coisa é certa, ninguém inventou o montanhismo, o que aconteceu foi uma evolução lenta e contínua da forma e dos propósitos com que as pessoas subiam montanhas e isso pode ter ocorrido isoladamente em vários cantos do mundo. As relações do Homem com as montanhas são muito antigas e variadas, podendo ter diversos objetivos: busca de alimentos, uso como barreira de segurança contra invasão, uso militar, recreação, obtenção de recursos naturais como água e jazidas minerais [...] e com fim religioso, que é uma prática milenar. (FARIA, 2006, p. 14).

Ao longo do tempo, a ascensão às montanhas e altitudes evoluiu em direções ramificadas. Caça, coleta, expedições científicas, questões políticas e militares, busca pelo prazer, resultaram em categorias e tipos de Escalada. Trata-se de um tema vasto, com sua própria epistemologia.

Minas Gerais, com sua geologia e geomorfologia altamente diversificadas, abrigando vastas serras, espigões, afloramentos, se torna uma região com alto potencial para a prática desta atividade. De acordo com a obra “Escaladas de Minas” (MARIANO; MELO JÚNIOR, 2002), as primeiras manifestações das atividades de montanhismo em Minas Gerais se iniciaram nos anos 60 conectadas às atividades de Batalhões de Montanha do Exército Brasileiro, como no caso de São João Del Rey. As atividades de montanhismo também estavam vinculadas aos clubes excursionistas e aos clubes de escoteiros.

O desenvolvimento da escalada mineira também está ligado às atividades no campo da geologia e da espeleologia¹². Um exemplo dessa conexão da geologia com a escalada em Minas Gerais é representado pelo carioca Antônio Carlos Magalhães, conhecido pela comunidade escaladora como “Tônico”. Geólogo, foi um dos primeiros a conquistar uma via de escalada¹³ no Morro da Pedreira, na Serra do Cipó. Além disso, realizou um importante estudo na região, que contribuiu para a criação da APA – Área de Proteção Ambiental – Morro da Pedreira. (MAGALHÃES, 2007)

Outro exemplo importante da relação entre Escalada e Ciência em Minas Gerais é o próprio PESU, um dos sítios mais importantes no desenvolvimento da escalada mineira. Foi local dos estudos de Peter Lund (1801 – 1880), considerado pai da paleontologia mineira, primeiro a realizar topografias, mapeamentos e encontrar diversos fósseis e artefatos arqueológicos na região. (CARTELLE, 2005. GOULART, 2006. GOULART, 2009) Dos grupos de espeleólogos de Belo Horizonte surgiram vários escaladores. Em tempos mais recentes, também estudaram as grutas do PESU. A Escalada forneceu muitas técnicas que são utilizadas em expedições científicas de espeleologia. Por meio de recursos e equipamentos desenvolvidos ao longo de anos, escaladores conseguem ter acesso a locais de alta complexidade de acessibilidade. Grande parte deles fornece, após suas conquistas¹⁴, os *guias*¹⁵ com as rotas que percorreram. São trabalhos de alto caráter geográfico. Os guias mostram as rotas aos cumes, as chamadas *vias*¹⁶. Alguns incluem características dos sítios como, acessos, clima, paisagem e cultura da região. Apresentam, ainda, croquis com os traçados das vias de escaladas. Alguns, inclusive, com escala. (Figura 2)

Em relação aos dados preliminares que estamos estudando em nossa pesquisa, consideramos três principais registros, já citados no presente texto. O primeiro deles é a série de seis volumes, “Escaladas de Minas: o guia e a história das principais áreas de escalada de Minas Gerais”. Esse material é o primeiro registro que buscou reunir a escalada em Minas Gerais em uma única fonte de informação, constituindo-se numa *síntese*. Apresenta as vias de escalada existentes nos sítios, com informações sobre grau de dificuldade, tipo de proteção¹⁷, ano de conquista e o nome do conquistador. Nosso estudo não entrará em informações minuciosas acerca das vias. Nos interessa a localização dos sítios, em que município estão, em que tipo de região, as coordenadas geográficas,

¹² No documentário *E as vias da Lapinha?* a relação entre espeleologia e escalada é evidente.

¹³ Vias de escalada são os caminhos e as rotas verticais pelas quais os escaladores percorrem, em suas diversas modalidades. É considerado conquistador de uma via o primeiro escalador que abre essa rota. Uma parede rochosa pode abrigar diversas vias.

¹⁴ Conquista é o termo utilizado quando um escalador chega ao cume de uma montanha pela primeira vez.

¹⁵ Sobre a importância dos guias, consultar texto de *Ouasti Malek* traduzido pelo professor Oswaldo Bueno Amorim Filho. A figura do guia, ou os guias, têm papel fundamental no desenvolvimento da Geografia.

¹⁶ Via é o caminho pelo qual o escalador passa para acessar o cume. Um mesmo complexo rochoso pode ter diversas vias conquistadas por diversos escaladores.

¹⁷ A proteção pode ser móvel ou fixa. Um via com proteções móveis não possui grampos ou “chapeletas” fixadas na parede. É o escalador que leva os equipamentos que farão sua proteção.

para que estudemos maiores escalas de análises. A tipologia das informações que serão coletadas está sendo elaborada em diálogo com diversos escaladores para que possa ser feito um resumo de informações mais objetivas possíveis, dada a complexidade do tema de nossa pesquisa. Com informações contidas no Guia “Escaladas de Minas” realizamos um mapeamento preliminar. (Figuras 3 e 4), apresentando ocorrência de sítios de escalada por município e por ano de conquista. Encontramos registros no período entre 1980 e 2002. Estabelecemos a data da primeira conquista do sítio como marco de ocorrência de Escalada.

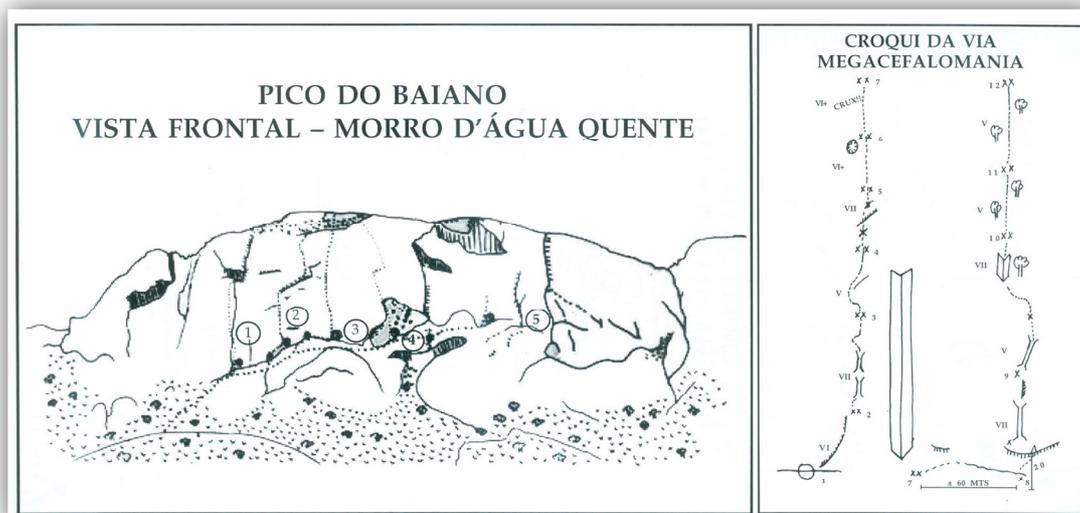


Figura 2 – Exemplo de Croqui de Vias de Escalada.
Fonte: Guia Escaladas de Minas.

O segundo registro que levamos em conta é a “Croquiteca Online” da FEMEMG que contém pontos marcados por meio do *googlemaps*. Esses pontos não possuem coordenadas geográficas, mas apontam informações preliminares de sítios que ocorreram após o ano de 2002. As informações do Guia “Escaladas de Minas” e as informações da “Croquiteca”, especializadas, fornecerão um quadro com maior exatidão dos fluxos de desenvolvimento da Escalada em Minas Gerais. E como poderemos garantir que tais informações estarão rigorosamente fundamentadas? É o que nos leva ao terceiro registro mineiro da escalada, o documentário “E as vias da Lapinha?”. No vídeo são entrevistados uma gama de escaladores que estão diretamente ligados às primeiras conquistas do Estado de Minas Gerais e, também, de autoridades de órgãos públicos. Nosso plano é entrevistar o máximo de escaladores e autoridades públicas que foram apresentados no documentário citado, com o objetivo de compreender suas percepções sobre a situação atual do PESU a partir de sua reabertura para a escalada. Com os escaladores pretendemos registrar, também, as informações sobre novos sítios de escalada no Estado que foram conquistados após 2002 e como compreendem o fenômeno da Escalada em Minas Gerais.



Figura 3 – Municípios com registro de sítios de escalada até o ano de 2002.
Fonte: Escaladas de Minas; IBGE, 2010.

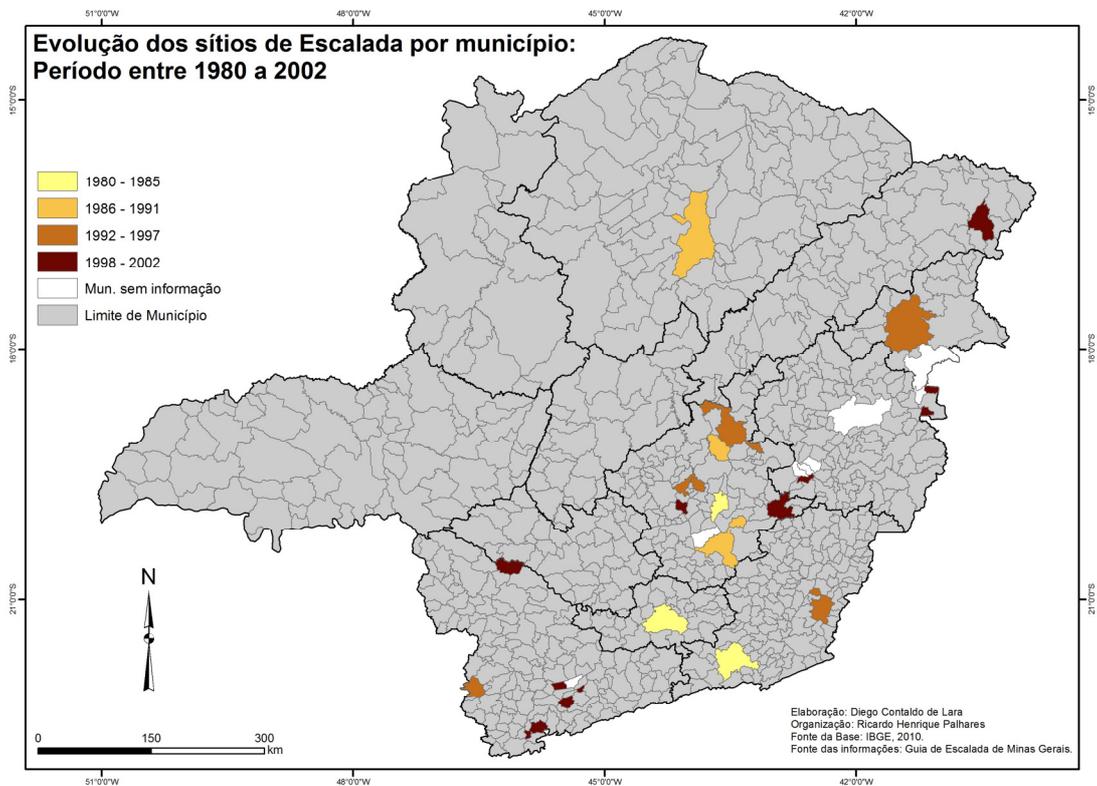


Figura 4 – Evolução dos sítios de Escalada por municípios e ano de conquista – De 1980 a 2002.
Fonte: Escaladas de Minas; IBGE, 2010.

Foram realizadas, até a presente data, cinco entrevistas. Prevemos, ainda, a realização de cerca de mais vinte entrevistas, que também abarcam profissionais de órgãos públicos. A partir do ponto de vista dos escaladores, elaboramos uma planilha de coleta das informações consideradas, por eles, mais relevantes. Entre as informações que buscamos estão: município onde o sítio de escalada se localiza; a data da primeira conquista ocorrida no sítio; se o sítio está em área particular ou pública; quantidade de setores¹⁸ do sítio; quantidade média de vias e as coordenadas geográficas. Algumas dessas entrevistas estão ocorrendo nos próprios sítios de escalada, o que nos permite coletar coordenadas geográficas e novas informações. Seguimos, para a realização das entrevistas, as considerações de Hissa (2013):

Entrevistas deveriam ser compreendidas como diálogos feitos com sujeitos do mundo [...]. Emerge, forte, a ideia de *fazer com o outro*: os sujeitos do mundo não seriam objetos passivos, mas participantes ativos de pesquisa (HISSA, p. 131-132, 2013).

Essa concepção sobre a entrevista adequa-se perfeitamente à nossa pesquisa, pois são os escaladores mais antigos e experientes que vêm apontando as informações mais relevantes a serem coletadas. Toda a nossa pesquisa está sendo desenvolvida com participação ativa desses *sujeitos do mundo*.

Em relação ao PESU, já foram realizados: dois trabalhos de campo; um dia de entrevistas, sendo uma com o Sr. Rogério Tavares, gerente de parque, e outra com o Sr. Albert Dias da Costa, monitor do parque; duas participações em reuniões do Conselho Consultivo do PESU¹⁹, do qual a Associação Mineira de Escalada – AME – faz parte. Temos pela frente um longo trabalho a ser desenvolvido no PESU. Em razão de nossa própria vivência sabemos como é o procedimento de entrada de escaladores no parque e que tipo de informações são registradas. No que concerne à gestão da escalada no Parque, podemos afirmar que é um processo recente. É realizada por um Grupo de Trabalho – GT – formado por membros da AME e do IEF. Necessita evoluções e ajustes para que se possa aferir melhor a realidade estatística da escalada no local. Existem dados, porém, não existe o tratamento nem espacialização dessas informações. Estamos realizando leitura de todos os documentos referentes ao processo de legalização da escalada, de modo que tal estudo nos permita compreender o modelo de gestão que está ocorrendo, como está ocorrendo e que tipo de instrumentos de gestão são utilizados. Se conseguirmos alcançar este objetivo, poderemos ter um retrato sobre a realidade da escalada nesse sítio com maior exatidão. A realização dessas tarefas

¹⁸ Um sítio de escalada pode conter diversos setores, que seriam blocos de rochas que se integram numa mesma formação. A quantidade de setores de um sítio depende simplesmente se o bloco ou parede foram conquistados ou não. São chamados de *áreas* e vulgarmente chamados de *picos*.

¹⁹ O Conselho Consultivo foi criado quando da implementação do Parque Estadual do Sumidouro, sendo formado por entidades civis e setores de órgãos públicos com objetivo de tornar a gestão do Parque compartilhada com a sociedade civil organizada.

contribuirá em grande parte para o inventário geral da Escalada em Minas Gerais.

A compreensão do *modus operandi* da gestão do Parque, traz à tona a seguinte questão: a experiência da regulação da escalada no PESU serve como experiência a ser implementada em outros sítios de escalada? Para responder à esta questão, estamos estudando outros locais, em outros estados e em outros países, onde existe organização da atividade de escalada em áreas públicas, como o Parque Itatiaia, no Rio de Janeiro e o Parque *Yosemite*, na Califórnia. A partir do estudo dos modelos de gestão de outros parques será possível comparar e analisar os aspectos mais relevantes e contribuir para evolução dos processos de gestão do PESU.

A realização dessa pesquisa, inspirada nas geografias clássicas, nos motivou à formulação de bases para a criação de um “Atlas Digital da Escalada” (Figura 5). Trata-se basicamente de um *site* e aplicativo para *smartphone*. Aproveitaremos as *geotecnologias* disponíveis para reunir as informações geográficas da Escalada. Estabelece-se, portanto, o início do primeiro censo da escalada em Minas Gerais. Nesta plataforma estarão disponíveis todos os estudos que desenvolvermos. Estará aberto para que escaladores realizem cadastros e preenchimento de formulários, tornando a informação compartilhada. Acreditamos que esse trabalho contribuirá diretamente para que a FEMEMG e outras entidades civis da categoria planejem, e tomem decisões com maior embasamento. Essa proposta abriu campo a diálogos interdisciplinares. Atualmente temos três estagiários²⁰ do curso de Sistema de Informação da PUC-Minas Betim trabalhando para a criação desse sistema.

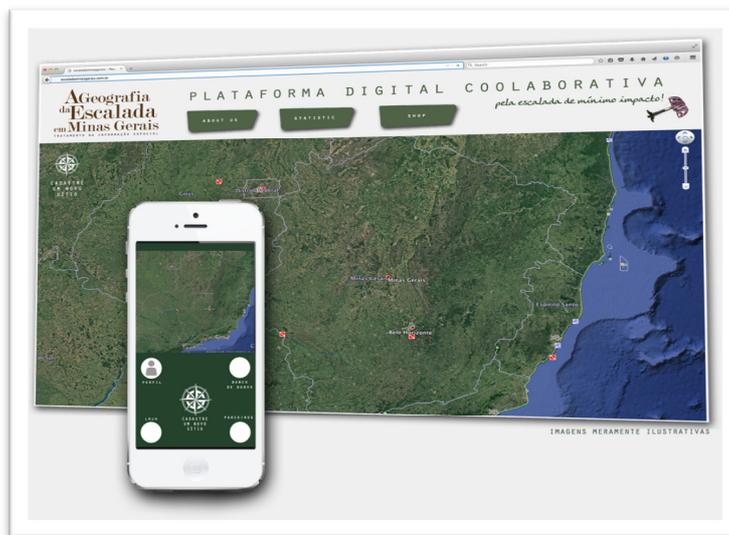


Figura 5 – Ilustração da Plataforma Digital (Atlas) Colaborativa e Aplicativo para smartphone.

Fonte: Design elaborado por Diego Contaldo de Lara.

²⁰ O professor Sandro Laudaes, co-orientador da presente pesquisa, juntamente com o professor Alexandre Diniz, coordenador do Programa de Pós-graduação em Tratamento da Informação Espacial da PUC-Minas, permitiram a realização de interlocução com o curso de Sistema de Informação da PUC-Betim. Foram selecionados três alunos que trabalharão com a elaboração do site e do aplicativo. São eles: Pedro Paulo Dias, Marcus Vinicius Gomes e Marcus Vinicius Campos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se tivéssemos que conceituar a escalada até o presente momento, poderíamos dizer, antes de tudo, que se trata de uma manifestação cultural inerente ao ser humano. É uma atividade que contribuiu diretamente para a ampliação do horizonte geográfico, o que por sua vez contribuiu para diversos avanços científicos. A escalada,

até a primeira metade do século XIX, teve forte motivação científica. A alta montanha era um universo absolutamente novo, que despertava a curiosidade de pesquisadores dos mais diversos campos do saber. (DAFLON, p. 13 2007).

As conquistas das montanhas foram, portanto, em grande parte, conquistas científicas. Podemos considerar a ascensão de Humboldt ao Chimborazo, vulcão de 6.310 metros de altitude, como uma manifestação do montanhismo científico, “um feito notável para a época, não só do ponto de vista esportivo, mas por ter trazido para a ciência notáveis contribuições”. (PAPAVERO; TEIXEIRA; PRADO, 2013) Sob essa ótica, nosso objetivo de pesquisa, conecta-se concomitante ao desenvolvimento científico da Geografia.

Como já exposto, nossa pesquisa ainda se encontra em execução. Podemos, no momento, apresentar apenas resultados preliminares que já nos fornecem compreensões iniciais sobre o desenvolvimento da Escalada em Minas Gerais. Podemos aferir até aqui, que a maioria dos sítios de escalada de Minas Gerais registrados até o ano de 2002 se concentram na Região Metropolitana de Belo Horizonte. É possível afirmar também que, no período abordado, as conquistas da maior parte das vias de escalada e dos sítios se consolidaram na década de 90. Neste período, o número de escaladores ainda era incipiente e se tratava de um grupo restrito de pessoas que tinham contato com essa atividade.

Em relação ao PESU, podemos apresentar as seguintes informações: existem 13 setores de escalada. Desses, somente 7 estão abertos à prática da escalada. (Figura 6) Em trabalho de campo, com participação da AME, foram aferidas um total de 164 vias de escalada, sendo que destas, 84 estão abertas e funcionando. Há uma possibilidade debatida pelo Grupo de Trabalho do PESU de se realizar o rodízio de setores, que significa interditar alguns deles e abrir outros que atualmente estão fechados, dentro de um proposta de utilização com mínimo impacto²¹.

Sobre as questões que compreendem os processos de gestão e organização da escalada no PESU, entendemos que a gestão foi construída de forma compartilhada entre membros da AME e membros do IEF. Foi elaborado pela AME um documento denominado “Diretrizes de Gestão e

²¹ Os parâmetros de mínimo impacto são descritos pela UIAA - *International Climbing and Mountaineering Federation*. Disponível em <http://www.theuiaa.org/> Acesso em 2 set. 2016.

Regras de Uso Público para as Áreas de Escalada em Rocha do Parque Estadual do Sumidouro”²². Esse documento foi incorporado ao “Plano de Manejo do PESU”. Foi criado a partir daí um Termo de Cooperação Técnica²³ para a normatização da escalada no Parque. Por meio deste documento, definiu-se normas e diretrizes para a realização da atividade. Também foram estabelecidos alguns instrumentos de gestão como o “Monitoramento Fotográfico”, que tem por objetivo averiguar os principais impactos ambientais que venham ocorrer. O monitoramento das vias de escalada em relação ao estado das proteções²⁴ também faz parte do das normas definidas no Termo de Cooperação elaborado. Os dados em relação à periodicidade e ao público da escalada no PESU estão em processo de estudo. Os resultados serão apresentados ao final de nossa pesquisa, que conterá o detalhamento de todas as questões aqui abordadas.



Figura 6 – Pontos referentes aos setores de Escalada no PESU.

Fontes: Imagem Google Earth. Pontos coletados em campo. Design: Diego Contaldo de Lara.

²² Documento fornecido por Edgardo Abreu, atual presidente da Associação Mineira de Escalada – AME.

²³ TERMO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA Nº 210101050XX09.

²⁴ Proteções são os equipamentos que são instalados nas paredes quando da conquista de uma via. Podem ser grampos ou chapeletas. Uma via que possui esse equipamento é considerada uma “via fixa”. As vias que não utilizam grampos são consideradas “vias móveis”, pois são escaladas com equipamentos que não se fixam permanentemente nas paredes das rochas.

Minas Gerais tem uma tradição bem recente de escalada em comparação com outros países e outros estados brasileiros. No entanto, apresenta-se com enorme potencial para o desenvolvimento do esporte, principalmente pela sua geomorfologia. Da escalada esportiva nas fissuras de calcário, nas serras de quartzito, até as grandes paredes de granito, nota-se que nosso Estado possui uma diversidade enorme para a prática da escalada. Esperamos que esta pesquisa contribua para que a evolução da escalada mineira se consolide e ocorra de forma organizada, seguindo os padrões de mínimo impacto, para que seja possível regularizar as questões dos conflitos e proibições de sítios. Todo o estudo realizado até o momento aponta na direção da Escalada ocorrer de forma organizada. Com dados e informações que forneçam um quadro mais próximo da realidade, acreditamos que as dificuldades em relação às aberturas ou proibições dos sítios possam ser superadas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Edgardo Alvares de Campos. **Confiabilidade das variáveis dinâmicas mensuradas no Campusboard em Escaladores Esportivos**. 2014. 54f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós- Graduação em Ciências do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Belo Horizonte, 2014.

ACCESOPANAM. Disponível em <<http://acesopanam.com>> Acesso em 05 set. 2016.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **A pluralidade da Geografia e as abordagens humanistas culturais**. Belo Horizonte: [2016].

ASSOCIAÇÃO MINEIRA DE ESCALADA. Diretrizes de Gestão e Regras de Uso Público para as Áreas de Escalada em Rocha do Parque Estadual do Sumidouro. Ago. 2010.

BAIA, Aulus; WEISSMANN, Walfried. E as vias na Lapinha? [S.l.] Youtube, 24 de junho de 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FpEI_Ps0bZA> Acesso em 02 set. 2016.

CARTELLE, Castor. Lund, o coletor do passado. In: GOULART, Eugênio Marcos Andrade (Org.). **Navegando o rio das Velhas: das minas aos gerais**. Vol. 2. Belo Horizonte: Projeto Manuelzão/UFGM, 2005. Cap. 5, p. 135-150.

DAFLON, Flavio; DAFLON, Cintia. **Escale melhor e com mais segurança**. Rio de Janeiro: 2007.

FARIA, Antonio Paulo. **Montanhismo brasileiro: paixão e aventura**. Rio de Janeiro: Publit, 2006.

FEDERAÇÃO DE MONTANHISMO E ESCALADA DE MINAS GERAIS. Belo Horizonte. Disponível em <<http://www.fememg.com.br>> Acesso em 20 set. 2016.

GOULART, Eugênio Marcos Andrade. **De Lucy a Luzia: a longa jornada da África ao Brasil**. Belo Horizonte: COOPMED Editora Médica, 2006.

GOULART, Eugênio Marcos Andrade. **O caminho dos Currais do rio das Velhas: a Estrada Real do Sertão**. Belo Horizonte: COOPMED Editora Médica, 2009.

HISSA, Cássio E. Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS – IEF/MG. **Parque Estadual do Sumidouro**. Disponível em: <<http://www.ief.mg.gov.br/areas-protegidas/215?task=view>>. Acesso em 7 set. 2016.

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS – IEF/MG. **Plano de Manejo do Parque Estadual do Sumidouro**. Lagoa Santa – Pedro Leopoldo: IEF/GHEOSFERA, 2010.

INTERNATIONAL CLIMBING AND MOUNTAINEERING FEDERATION. Switzerland. Disponível em <<http://www.theuiaa.org>> Acesso em 07 set. 2016.

KRAKAUER, Jon. **No ar rarefeito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KÜCHLER, Adriana; ZOCCHIO, Guilherme; MATTOSO, CAMILA. COI aprova entrada de surfe, caratê e skate para Olimpíada de Tóquio-2020. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 03 ago. 2016. Esporte. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-norio/2016/08/1798517-coi-aprova-entrada-de-surfe-carate-e-skate-para-olimpiada-de-toquio-2020.shtml>> Acesso em: 04 ago. 2016.

MAGALHÃES, Antônio Carlos; GOMES, José Ferreira. Levantamento Morfológico e das vias de Escalada Móvel do Morro da Pedreira. Serra do Cipó, Santana Do Riacho, 2007. Disponível em <<http://blogdescalada.com/escalador-mineiro-disponibiliza-para-download-guia-de-escalada-do-cipo-e-regiao/>> Acesso em 10 jun. 2016.

MARIANO, Daniel Ferreira; MELO JÚNIOR, Eustáquio Macedo. **Escaladas de Minas: o guia e a história das áreas de escalada de Minas Gerais**. Belo Horizonte: 2002.

MINAS GERAIS. Instituto Estadual de Florestas. Portaria IEF nº 138, de 03 de agosto de 2011. Estabelece procedimentos a serem observados para a realização de escaladas esportivas no Parque Estadual do Sumidouro do Instituto Estadual de Florestas. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5 ago. 2011.

NOUGIER, Louis-René. Géographie humaine préhistorique. **Noröis**, v. 27, n. 1, p. 337-339, 1960. Disponível em: < http://www.persee.fr/doc/noroi_0029_182x_1960_num_27_1_1321_t1_0337_0000_2> Acesso em: 22 set. 2016.

PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins; PRADO, Laura Rocha. (Org.). **História da Biogeografia: do Gênesis à primeira metade do século XIX**. Rio de Janeiro: Technical Books Editora, 2013. Cap. 9, p. 221-232.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. Kant e a fundação da filosofia transcendental. In: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. São Paulo: Paulos, 2005. Cap. Décimo sétimo, p. 347-424. v. 4.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1994.

Trabalho enviado em 20/10/2016

Trabalho aceito em 04/11/2016